

Índice

Rio Turvo	7
Jack	55
As Mãos Frias	73
Um Pobre Homem	89
A Sombra	101
A Prova de Força	111
A Estátua	119
O Involuntário	129

A voz vinha de longe. E eu continuava a caminhar por entre as ervas do pântano, ouvindo-a numa meia inconsciência. O cansaço e o calor davam-me aquela lassidão de músculos agradável pelo desprendimento da realidade e pela volúpia de deixar a atenção dormente e pegada a pequenas coisas em que noutras ocasiões não se repara. Ia caminhando devagar, com um instintivo cuidado, através do arenal pantanoso, por entre as ervas altas e os caniços em sebes densas que me obrigavam a dar grandes voltas para seguir na direcção que pretendia.

Mais tarde lembrei-me de que já tinha ouvido aquela voz pouco depois de saltar do barco, quando, tendo com a vista estudado o terreno, comecei a andar em sentido contrário ao que o arrais me indicou. Eram pântanos donde saía uma vegetação rasteira, de um verde-escuro, que se ia adensando com tufos de junco, caniços finos e altos penachos brancos que um sopro imperceptível mexia. Algumas clareiras de areia manchavam aquela paisagem desolada mas, ao primeiro contacto, atraente. Não sei porquê. Era uma planície imensa, com o céu ao fundo. Atrás de mim tinha ficado o rio espraiado num estuário sem fim, revoltado, turvo e perigoso pelas correntes e baixios traiçoeiros. E ao longe, para lá dessas águas, que pareciam um mar, a cidade esfumava-se na distância, aquela cidade donde

eu não trazia boas recordações. Voltei-me e parei um momento a olhar a extensão cinzenta de água. E reparei que à minha volta havia uma grandeza desconhecida: o rio, a planície, o céu. Só a cidade, ao longe, parecia o que era: qualquer coisa pequena.

Uma rã que saltou para a água desviou-me a atenção. Naquele momento ouvi um barulho desconhecido que se aproximava. Encostei-me à sebe dos caniços e fiquei imóvel, a esperar sem saber o quê. E de repente passou sobre a minha cabeça um bando de patos, que foi poisar a pouca distância. Ficou outra vez um grande silêncio no ar. E só então reparei que tinha deixado de ouvir a tal voz longínqua. Compreendi nesse momento que era uma voz a chamar, e que chamava talvez por mim. Ficara-me no subconsciente aquele eco perdido. Mas que queria? E tive um sobressalto, como se acordasse de repente. Era a pedir socorro? Recomecei a caminhar apressando o passo. Ia agora por cima de areia, entre juncos e caniços altos que me escondiam e também me tapavam a vista. As rãs saltavam das margens pretas de lodo para a água, quebrando aqueles espelhos muito nítidos onde o céu azul se reflectia. Não me esquecem as primeiras impressões da minha chegada ali. E alguns pormenores insignificantes ficaram-me tão gravados na memória que ainda me lembram com uma nitidez inacreditável. Contudo não tenho boa memória. Pelo menos para as coisas que na vida prática me seria útil tê-la. Mas algumas coisas sem importância, em que na ocasião mal reparo, essas ficam-me às vezes para toda a vida, nítidas como se fosse agora.

O lodo preto onde enterrei os pés, em contraste com as fitas de areia branca, os maciços de juncos, as rãs que saltavam para as poças de água, estou a ver tudo como se essas coisas ainda estivessem aqui diante de mim.

Tudo aquilo era um mundo novo. E as impressões simples e isoladas gravam-se profundamente. Era um mundo novo,

onde se podia respirar um pouco de liberdade e tomar um lugar entre as coisas da natureza, reconquistando um pouco da dignidade e consciência de homem. A cidade é artificial. Só o Sol e as árvores é que nos dão a nossa posição entre as coisas do mundo. Mas, seja como for, ou temos uma missão e uma inconsciente impassibilidade para as contingências adversas, ou não valem nada.

Ali, a natureza, nos pormenores, era mesquinha e traiçoeira. Lodo e ervas. Uma paisagem inquietante para o convívio natural com o homem: maciços de juncais, de mil hastes finas, formando sebes transparentes e delicadas como biombos chineses, mas intransponíveis, e caniços com suas plumas brancas no ar, sobrevoando o pântano. Apenas ao longe um tufo de árvores na planície rasa, esta planície que, vista do rio, vista de fora, parece cinzenta, mas que, quando pomos os pés sobre ela, é verde. Só uma pequena barraca se elevava naquele chão estéril. (Hesitei agora em chamar-lhe estéril, pois verifiquei mais tarde que havia ali grandes vinhas, batatais, etc. Mas a primeira impressão que se tem é a de um areal estéril, impressão que se mantém no nosso espírito.) Ia a dizer que só um pequeno telhado vermelho brilhava como um farol naquela planície. Era o porto de abrigo que eu tentava alcançar. Furando pelo meio dos juncais, dos caniços de longas folhas como fitas cortantes, atolava-me até aos joelhos naquela vasa preta, bordada de finas ervas verdes. Era um daqueles pântanos que cercam os castelos misteriosos. Só faltava o castelo. Por vezes deixava de ver o telhado vermelho, mas os juncais baixavam ou eu subia sobre eles e logo via a pequena casa, sempre à mesma distância, como se fosse a fugir diante de mim. Avançava devagar, a procurar caminho, tinha de andar para um lado e para outro, num ziguezaguear fatigante e lento. O Sol já ia alto e o suor corria-me em grossas bagas pela testa. O casaco, que tinha despido e levava no braço, era já incómodo como um fardo pesado. Por fim, só olhava para onde punha os pés, procurando os sítios onde a

areia menos empapada fosse mais firme. Já não pensava em seguir na direcção da barraca, mas apenas em sair, de qualquer maneira, daquele labirinto perigoso. Não porque me viesse a ideia de que poderia haver areias movediças, mas porque estava cansado, sem atinar com o caminho, e se começasse a encher a maré, as águas acabariam por me cercar, obrigando-me a passar ali a noite. Já tinha reparado que, de longe em longe, havia uma espécie de esteiros por onde o rio entrava e se espraiava, embora só, talvez, em braços de uma delgada camada de água. Era um polvo com braços de lodo.

Caminhava a olhar para o chão, quando de repente ergui a cabeça e vi um homem parado a poucos passos na minha frente. Estaquei com um calafrio.

Não sou medroso, porém chocou-me a surpresa naquele local, mais do que a sua atitude de hostilidade sem nenhuma justificação. Tinha a consciência sossegada. Mas pareceu-me um doido. Pensei que era um louco que andava por ali a vaguear, e, passado o primeiro sobressalto, disse-lhe: «— Bom dia.» Esboçou-se-lhe na face patibular e negra um vago sorriso mau e, sem responder, fez lentamente com a cabeça sinal para que eu o seguisse. Voltando-me as costas começou a andar, não se importando de verificar se eu o seguia ou não. Hesitei, mas, quando ele desapareceu entre os juncais, resolvi segui-lo, por me ter convencido de que devia ser um guarda das obras. Pouco depois avistei-lhe a cabeça por cima dos juncos, entre os penachos brancos que tinham ali um ar irónico e festivo, e fui-lhe seguindo as pegadas.

A barraca de tábuas já estava perto. Pareceu-me ouvir o ruído característico do rolar de uma vagoneta sobre os *rails*. Depois vi que, de facto, era um grupo de homens em mangas de camisa preparando-se para começar o trabalho na terraplenagem. As pequenas vias-férreas das vagonetas irradiavam pela planície, ali já limpa de ervaços e caniços. Fui-o seguindo sempre. Estávamos outra vez perto da margem do rio, depois

de ter andado dois ou três quilómetros pelo areal e por entre os juncos do pântano. Aquilo era, portanto, uma ilha ou uma península. Os trabalhadores olharam-me com curiosidade, excepto um grupo que estava sobre o paredão à borda do rio e que não deu pela minha chegada.

O fiscal saiu da porta da barraca e chamou-me pelo nome, o que me deu uma sensação agradável de segurança, mas não lhe respondi, porque neste momento os homens que estavam sobre o paredão, pegando um pelas pernas e outro pelos braços de um camarada, balançaram-no duas vezes e atiraram-no ao rio, sem que ele fizesse o menor esforço para se libertar, ou algum dos outros o menor gesto para o defender. Riam-se. E o chefe dos serviços, perguntando se eu era surdo, se não tinha ouvido chamar, se vinha para me enterrar nas areias movediças ou para trabalhar, falava para mim, que não o ouvia, sem dar a menor importância àquela cena brutal. Não me deu qualquer explicação, e eu também não lhe perguntei nada. Pelas gargalhadas dos outros vi que era uma brincadeira e fiquei fazendo ideia do género de brincadeiras que ali se faziam. Mandou-me dirigir ao engenheiro-chefe e apontou na direcção de um pequeno bosque de altos eucaliptos, ao fim do terrapleno, na margem do rio. Vi alvejar uma casa por entre as árvores.

Ali, onde nós estávamos, iam construir o campo de aviação. A parte terraplenada já devia ter mais de um quilómetro de comprimento, por outro de largura. Enquanto ouvia algumas explicações do chefe dos trabalhos, ia vendo o homem que tinham atirado ao rio, a subir de gatas pelo paredão inclinado, a pingar, com o fato remendado colado ao corpo. Era um homem calvo, dos seus cinquenta anos. Quando chegou ao cimo, sacudiu-se como um cão molhado e pegou numa picareta que pôs ao ombro, dirigindo-se para o local do trabalho. Não fiz comentários. Já não tenho a mania de endireitar o mundo; só tive vergonha, por ser também um homem. Mas o chefe dos trabalhos apontava com o dedo e fui.